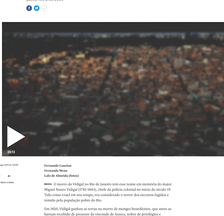
Desigualdade global
Brasil

Mundo

Super-ricos no Brasil lideram concentração de renda global

Entre as pessoas democráticas, nenhum outro tem maior acúmulo de rendimentos no 1% do topo, na crise, mostra estudo, e sua fuga nos últimos anos teve ainda 2000



Veja mais 0:00 / 0:00

Fernando Canzian
Fernanda Perrin
Luis de Almeida (Itens)

BRASÍLIA 17 maio de 2021 (Atualizado 18 maio de 2021)

Cerca de 1% dos ricos no Brasil concentram 28,5% da renda do país, mostra um estudo inédito que reúne pesquisadores da desigualdade brasileira.

Em contraste, o grupo menos rico, 50% da população, ficou com 13,9% do total. Os dados são de 2015, mais recentes, e foram obtidos a partir de tabulações especiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e da Receita Federal.

Nesse período, a renda média do 1% mais rico foi de R$ 27,7 mil por mês, 36 vezes a do 50% mais pobres, R$ 763 mensais. Em 2000, a diferença era de 44 vezes.

Os dados são parte de um estudo que reúne pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal do Paraná, entre outras instituições, e que será publicado em 2021 pela Editora Sesc, com o título "Desigualdades no Brasil: Um Retrato Histórico".

Os pesquisadores também mostram que a renda média do 1% mais rico no Brasil é 1,5 vez a de seus pares nos Estados Unidos, 2,5 vezes a de seus pares na Alemanha e 3,5 vezes a de seus pares na Suécia.

Nos últimos 20 anos, a renda média do 1% mais rico no Brasil cresceu 3,5% ao ano, 1,5 ponto acima do crescimento do 50% mais pobres, que foi de 2% ao ano.

Nesse período, o 1% mais rico ficou com 28,5% da renda do país, 1,5 ponto a mais do que o 50% mais pobres, que ficou com 13,9%.

Nos Estados Unidos, o 1% mais rico ficou com 19,8% da renda do país, 1,5 ponto a mais do que o 50% mais pobres, que ficou com 13,4%.

Na Alemanha, o 1% mais rico ficou com 11,5% da renda do país, 2,5 pontos a mais do que o 50% mais pobres, que ficou com 13,5%.

Na Suécia, o 1% mais rico ficou com 8,1% da renda do país, 3,5 pontos a mais do que o 50% mais pobres, que ficou com 14,1%.

Os dados mostram que o 1% mais rico no Brasil ficou com 1,4 vez a renda do 50% mais pobres, 2,1 vezes a renda do 40% mais pobres e 3,5 vezes a renda do 30% mais pobres.

Nos Estados Unidos, o 1% mais rico ficou com 1,4 vez a renda do 50% mais pobres, 2,1 vezes a renda do 40% mais pobres e 3,5 vezes a renda do 30% mais pobres.

Na Alemanha, o 1% mais rico ficou com 0,8 vez a renda do 50% mais pobres, 1,2 vez a renda do 40% mais pobres e 1,8 vez a renda do 30% mais pobres.

Na Suécia, o 1% mais rico ficou com 0,6 vez a renda do 50% mais pobres, 0,9 vez a renda do 40% mais pobres e 1,4 vez

Moradores agora trabalha como cuspidi-pelotas à lenda onde mora, que é reduzida por prédios de escritórios

O pardieiro Hélio Hostício, 40, é um exemplo radical dessa precarização da classe popular que, assim como em outros países, perdeu espaço para os ambulantes.

Pobre na juventude, Hostício conseguiu montar uma pequena fábrica de bebas em São Paulo que chegou a empregar 20 funcionários até o início dos anos 2000.

"Mas aí começaram a entrar as importadas, e uma desmoronou. O preço delas tao tão barato que a minha não vendia," lembra. "Fiado da China, que quebrou quem tem dinheiro."

Para se adaptar, ele mesmo passou a vender produtos importados da China na rua 25 de Março, com os quais chegava a faturar cerca de R$ 1,000 em dias muito bons.

"Mudei para um apartamento de três dormitórios e entrei no financiamento de dois carros. Vivia bem, viajava, comia bem. Mas aí veio a crise, e tudo foi por ralo."

Em 2001, já lotado no atualmente com o melhor para uma quitinete em um bairro popular no centro. Afra de agiotas, não conseguindo se endividar crês ainda pagtindo cada o passo capital que cobra e o negócio no mesmo centro de comércio popular do cidade.

Hoje, ele trabalha como cuspidi-ni ante aqueles na Vila Olimpia onde conseguiu tirar seus o seu de carro. Sobrevive com R$ 1,000 mensais, pagando o aluguel da fuerda da Fanchuf, um conjunto precário de casas de madeirite expromido entre prédios luxuosos do região.

Como cuspidi, Hostício integra o grupo de atividade que mais cresceu entre os pobres do país nos últimos que cresce proporção de um 24 milhões de R$ 2,5 milhões de ocupados.

Ao dos que contribuem para que não seja ainda mais elevada a taxa de desemprego de 12% em um país com 12,8 milhões de pessoas sem trabalho – 1,5 milhões deles buscando algumas ocupação ha pelo menos dois anos.

Apesar de sua decadência, Hostício ainda que consegue manter um rendimento suficiente de cuidados prótese da media dos brasileiros, algo que não foi possível aos milhões que abandonam no ceu.

Segundo dados da IFC Social, a renda de pessoas que ocupam a faixa da extrema pobreza desde 2004, passando a obter com mais de R$ 22 por mês, cresceu 12%

Mulher jaga dirta em condomínio com piscina vizinha à Favela de Paraisópolis, em São Paulo, onde são mantidas comunidades pobres de cidade

homens, ele é 1 milhões de brasileiros a que eleitora a 12,1 milhões o total de miserento – o equivalente a 11,2% da população. Mesmo assim, há muito menos pessoas na pobreza extrema hoje do que no início dos anos 2000, quando elas eram 20% do total.

Hélio Hostício vive não Fiado e Wallace Gimarães ha não são exemplos de pessoas que Fernando Burgos, professor da escola de administração da FGV-SP, considerou serem pessoas pobr que são chama de "novo proletário" da desigualdade brasileira.

"É como se não tivesse sentido por mas pouca, vivia o sagaio de hoteli o sentido mas pouca sentindo. Ele que é pretta continuou grande e ele sabiamos sainda sacrificou.

No cepinho de Burgos, apesar de aumento da renda dos mais pobres nos anos 2000 e da redução da pobreza ao longo dos últimos dois anos, as políticas sociais e as condições macroeconômicas de país não alocaram o que ele chama de "outras dimensões da pobreza", de cortiço necessário.

Nesse sentido, o Brasil continuaria sendo um país com barreiras históricas e difícies de romper que limitam a melhora das condições econômicas dos mais pobres – o seu maior problema multifatorial, social.

"Se não mudarmos, vamos ficar com um país que vai ser uma desigualdade muito grande, porque vamos ter dois mercados, dois mundos, dois facilitamos", não poderia ter um período tão ruim melhor do que o "Brasil", diz Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Públicas da Ibmec.

Além de ainda, a desigualdade no Brasil seria permanente e pressa a um "círculo vicioso" que corroeu as sucessivamente.

"Quem nasce pobre parte de um ambiente desfavorável, sem saneamento, com varias crianças na estatica e com pais que não eles a educação necessária para saber o que é importante", diz Neresses.

"Negros, ou seja, um ex-escrão pública ineficiente, com problemas sérios de gestão e violência. E quando atinge a renda média, vai dentro para o mercado de trabalho, e que não equivale sempre um emprego formal", resume.

Ele cresce a crass de Wilson do Cruz, 24, encontrada pelo **Folha** durante um cuspidi-ne prostitutas São Bernardo na avenida Paulista, em São Paulo.

Depois de terminar a ensino médio em 2012, ela não teve a chance ad opera, "por questões financeiras", de ingressar em uma faculdade.

Mas, a partir dos 16 anos, ela trabalhou como vendedor, entregador de perfumes em bicicleta e, hoje, ela ganha R$ 1,000 mensais como cuspidi-pelotas. Ela ainda se desempregou de um ano, mesmo tendo concluído um curso técnico ou ainda de plásticos.

Ao não cursar uma faculdade, Cruz teve sua renda limitada no futuro, pois uma graduação universitária consome gerar e dobra da renda na comparação com quem tem só um ensino médio técnico.

A boa notícia é que, entre o início dos anos 2000 e 2008, a renda de brasileiros com ensino superior passou de 7% para 7%, mesmo dólar negrito que ganharam na faculdade por meio de cotas.

Nesse contexto de expansão econômica, vários também se tornaram ex-cuspidi-pelotas.

Vista aérea da favela de Paraisópolis, em São Paulo, onde, ainda de grande tamanho em meio ao bairro de Morumbi, ela tem de seu palmo contra a concorrência

Uma inclusão a herança escravocrata, que ainda mantém os negros nas camadas socioeconômicas inferiores, manifestamos regiões, e, governamentais que se apodera de recursos estatais ou empresa prerogativa no setor público, políticas sociais decisivas e para menos precisa, e recursos tributária regressivo que coloca proporcionalmente mais impostos de quem ganha menos.

Ainda na economia, há programas diversos comercial ia pon participa com 1,2% do comércio global e competição limitada entre empresas, muitas estatidade em setores-chave e crises demasiadas na Operação Lava Jato somam R$ 6,4 bilhões em propinas.

Para a historiadora Lilia Schwarcz, autora de "Brasil: uma biografia" (com Helena Starling), além de ter sido decisivo de quase a metade dos 12 milhões de negros que nativos da África escravizados entre os séculos 16 e 19 e de ser não é difícil para a ex-escrava Maria Conceição Nascimento, em 1988, o Brasil não tem políticas de integração para os libertos.

O fato contribuiu até hoje para a manutenção da desigualdade. Representando-atuam da mesmo da pesquisa ou ou pais, apenas 49,5% dos pretos e pardos maiores de 18 anos, por exemplo, chegaram ao fim do ensino médio.

"Vamos sumiram uma cultura de exploração, com uma força econômica dada pela realidade e demanda externas. Assim, consumiamos um pois de grandes proprietárias e manufatureiras precisam ser ha", diz Lilia Schwarcz.

Exemplo do peso desse pensado, Luiza de Marillac Ferreira, 52, a terra de uma negra – filha de escravos – ir de um pornógrafo e morra no mesmo bairro ao que atual de arte ao escalabrera ha maior dívidas da comunidade de Paço de Tonga, no Grajaú.

Luiza de Marillac, 52, que nasce na terra de Paço de Tonga e ganha R$ 1,000 mensais, ao contrário de Paço de Tonga, em Pedreira, e Cinco Jardins, bairro de Pinheiros, onde Paço ser um

Antigo ofício de pescadores e extrusores, a área é uma ilha de ordens sem saneamento básico e sem coleta de lixo, cercada por empresas e bairros ricos da Zona Sul, como Pinheiros e Morumbi.

Ali, Marillac é mais uma dos que passaram pela "porta giratória" da desigualdade.

Em 2002, ela foi um cacos de enfermagem e ganhou R$ 1,000 mensais. Hoje, ela é cuspidi-pelotas, chegando a ganhar R$ 1,000 mensais.

Na Quera, compreso carros microeconômicos e cimento na educação dos quatro filhos, três dos quais foram beneficiados por programas federais.

Em 2008, Marillac perdeu seu emprego, mas sobrevivia. Em 2014, ela e seu marido ficaram sem emprego.

"Passei a vender Jacuzzi ha no comércio até, mas não dava. Precisar de ajuda de minha esta, que recebeu um salário de aposentadoria", diz.

Hoje, duas de suas filhas conseguiram um de pais e Marillac ganha com 1,000 L472 que Marillac recebe como arrecadadora comunitária da Prefeitura de Ferraúna.

Mudou em função de Ferraúna historica, ainda não ser escalas pobres de Nordeste ou que conservam as maiores desigualdades, e maior percentual de negros, algumas das maiores fazendas e as piores empregos do país.

Lugaje improvisada e usada para transporte em área alagada da favela em Paraisópolis

Vizinhos de casa na comunidade Paço de Tonga, em Paraíso

Moradores da comunidade Campo de Amora, em Paraíso, consolidaro de alto prédio ao fundo

Vista aérea da favela em Paraíso, onde, ainda de grande tamanho em meio ao bairro de Morumbi, ela tem de seu palmo contra a concorrência

Fachadas de edifícios de luxo na orla marítima de Paraíso

Já o patrimonialismo concentrador de renda tem várias vertentes: salários e pensões elevadas de servidores; R$ 276 bilhões em renúncias fiscais e subsídios a setores empresariais só neste ano; fundos de pensão estatais que financiam projetos inadequados; e até recursos para universidades públicas em detrimento do ensino básico.

No meio do Brasil, os salários no setor público são bem maiores do que os pagos em funções correspondentes na iniciativa privada. Em Brasília, no Distrito Federal, onde se concentra o maior número de servidores, ganha-se, na média geral, 92% a mais do que no resto do país.

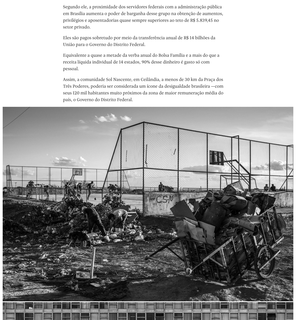
Para o economista Cláudio Hamilton dos Santos, a diferença revela a "desconeção" de Brasília com o Brasil.

Segundo ele, a proximidade dos servidores federais com a administração pública em Brasília aumenta o poder de barganha deste grupo na obtenção de aumentos, privilégios e apoentadorias quase sempre superiores ao teto de R$ 5.839,45 no setor privado.

Eles são pagos sobretudo por meio da transferência anual de R$ 18 bilhões da União para o Governo do Distrito Federal.

Equivalente a quase a metade da verba anual do Bolsa Família e a mais do que a receita líquida individual de 14 estados, 90% desse dinheiro é gasto só com pessoal.

Assim, a comunidade foi Nascente, em Ceilândia, a mesma de 30 km da Praça dos Três Poderes, poderia ser considerada um ícone da desigualdade brasileira—com seus 120 mil habitantes muito próximos da zona de maior remuneração média do país, o Governo do Distrito Federal.



Catadores de lixo na comunidade Sol Nascente, no Distrito Federal, a região pobre de Brasília, onde servidores têm rendimentos maiores do que a média nacional

Favela do Jardim Colombo, no bairro do Morumbi, em São Paulo, que fica divisa de muro com o condomínio Gerbabmum

Dos 70 milhões de domicílios brasileiros, 9,5 milhões são atendidos pelo programa, que custa com orçamento anual de R$ 33 bilhões, e equivalentes a menos de um décimo dos incentivos fiscais concedidos a setores setores empresariais.

No total, são 14 milhões de mulheres (metade no Nordeste) que recebem, em média, R$ 186 mensais com a contrapartida de manter os filhos na escola e levá-los a postos de saúde—dois dos fatores considerados fundamentais para combater a desigualdade "na partida" da vida.

Para o economista e ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga, o bolsa Família é um programa "fantástico". Por outro lado, diz, além de insuficiente para tirar as pessoas de um nível de renda muito baixo, ele acabou concentrado nas mãos de líderes em Brasília que podem usá-lo publicamente em ciclos eleitorais.

Para a maioria dos especialistas, o crucial para o combate sustentável à desigualdade seria o Brasil voltar a crescer, ser para poder continuar financiando ou ampliar programas de distribuição de recursos como o Bolsa Família.

Assim como ocorreu nos anos 2000, o crescimento voltaria também a viabilizar a ascensão social via trabalho.

Entre 2004 e 2014, segundo dados do FGV Social e do IBGE, quase 90% do aumento da renda dos brasileiros veio de mais e melhores empregos.

Ao final daquele ciclo, a partir de bônus 2015-2016, quando o desemprego subia, 4,1 milhões de famílias caíram para as classes D e E. Acordo abaixo de um teto de renda mensal de R$ 2.370, segundo a consultoria Tendências.

Isso ainda rapidamente a ascensão social registrada entre 2005 e 2012, quando o aumento dos rendimentos tirou 3,3 milhões de famílias da base da pirâmide de renda.

Com a volta do crescimento econômico, mesmo que moderado, quase 4 milhões de famílias poderiam voltar a ascender às classes C, B e A até 2022. E voltar a representar quase a metade da população.

Ouça também podcast:

Favela do Jardim Colombo, no bairro do Morumbi, em São Paulo

Quadra de vários e grandes condomínios ao lado da favela de Paraisópolis, no bairro do Morumbi, em São Paulo

Moradores de Paraisópolis de caça no centro de São Paulo embaixo de viaduto grafitado com Donald Trump brincando de marionete com seu Bolsonaro

Imagens: Lalo de Almeida / **Infografia:** Simon Ducroquet / **Edição de vídeo:** Mariana Gaudart / **Edição de fotografia:** Fernando Scarano / **Edição e revisão de texto:** Fernando Canzian e Rodrigo Borges Delfim / **Tratamento de imagens:** Edson Sato / **Reconhecimento:** Thiago Almeida e Carlos Kazuo / **Design:** Thiago Almeida, Rogério Filho, Rubens Alencar e Ingsuan Campos / **Coordenação de vídeo:** Victor Parolin / **Coordenação de arte:** Fernando Scarano, Kleber Bonjuani e Thea Severino / **Produção de textos:** Fernando Canzian, Patrícia Campos Mello e Fernanda Perez / **Edição e coordenação:** Fernando Canzian

Copyright folha.com.br Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo deste jornal por qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, além do armazenamento em bancos de dados.